



A ampla aliança é
fundamental para
o PT obter êxito

Tão perto, tão longe

SÃO PAULO Haddad desponta como favorito nas pesquisas, mas terá de minar a resistência dos eleitores do interior

POR MARIANA SERAFINI





TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 28

Negligência. O governo deixou de aplicar 3,3 bilhões de reais do Fundo Amazônia

Desde o fim da ditadura, o PT nunca esteve tão perto do Palácio dos Bandeirantes. Após 28 anos de hegemonia do PSDB no estado de São Paulo – e, antes dos tucanos, do PMDB de Orestes Quércia e Franco Montoro –, o petista Fernando Haddad desponta como favorito nas pesquisas de intenção de voto, tanto no primeiro quanto no segundo turno.

Diversos fatores alimentam o otimismo de lideranças do campo progressista. Ao aventurar-se no natimorto projeto presidencial, João Doria deixou o governo com uma rejeição recorde, a ponto de o correligionário Rodrigo Garcia evitar a todo custo qualquer associação com o padrinho. A despeito da poderosa máquina tucana no interior do estado, parcela expressiva do eleitorado conservador (ou reacionário) está disposta a votar no ex-ministro Tarcísio Freitas, o candidato de Jair Bolsonaro na disputa.

Além disso, após o Supremo Tribunal Federal reconhecer a parcialidade do ex-juiz Sergio Moro e dos procuradores da Lava Jato, o antipetismo que deu a tônica das eleições de 2016 e 2018 perdeu muito de sua força. “O PT recuperou fôlego, até por culpa do mau desempenho de Bolsonaro”, observa o cientista político Cláudio Couto, professor da FGV de São Paulo e colunista do site de *CartaCapital*.

Nem por isso o especialista acredita em uma disputa fácil para o partido. A grande dúvida é quem vai disputar o segundo turno, e o impasse entre Rodrigo Garcia (PSDB) e Tarcísio Freitas (Republicanos) não é casual. Haddad espera enfrentar o ex-ministro na etapa decisiva, na expectativa de que parcela significativa do eleitorado tucano vá rejeitar o candidato de Bolsonaro nas urnas. Caso o oponente seja Garcia, parece improvável uma migração de votos bolsonaristas

Alckmin e França prometem gastar sola de sapato nas cidades paulistas, para alavancar a campanha do petista

para o PT. Mesmo que a fortuna sorria para o petista, com um adversário supostamente mais fácil de bater, não há garantias nesse cálculo político. “Haddad representa uma ruptura imensa. O cansaço que Bolsonaro causou em muita gente pode ser um fator de abertura maior para o PT, mas esse eleitorado não vai deixar de ser conservador só porque pegou birra do Bolsonaro”, avalia Couto.

Diferentemente do ocorrido no Rio de Janeiro, ao menos as legendas do campo progressista deixaram as diferenças de

lado e se uniram em torno de um objetivo comum. A chapa de Haddad é bastante diversa, enfatiza o deputado estadual Emídio de Souza, um dos coordenadores da campanha petista. “É uma coalizão ampla, a abarcar tanto a esquerda tradicional quanto figuras do centro, a exemplo de Geraldo Alckmin e Marina Silva.”

Márcio França, do PSB, e Guilherme Boulos, do PSOL, abriram mão da corrida ao Palácio dos Bandeirantes para fortalecer a chapa de Haddad, que terá como vice Lúcia França, educadora e empresária casada com o ex-governador França. O desafio, agora, é convencer o eleitorado do interior do estado, mais religioso e refratário às pautas progressistas, que mesmo com um petista à frente do governo, as mudanças não serão tão radicais.

Nessa estratégia, Alckmin ocupa um papel central. Espera-se que o pessebeista, ex-governador de São Paulo e vice de Lula na corrida presidencial, gaste sola de sapa-



O tucano Rodrigo Garcia conta com a poderosa máquina estadual e com o apoio de numerosos prefeitos



to pelas cidades paulistas, usando o prestígio conquistado ao longo de duas gestões no estado, para mostrar que participa desse projeto. De acordo com Souza, Alckmin foi bem recebido pelo PT e está integrado. “O Haddad está vendo a possibilidade de ganhar o governo do estado e sabe que, em alianças, é preciso fazer concessões.”

Segundo o deputado, as agendas conjuntas começaram a ser marcadas há pouco tempo, mas estão previstas viagens de Haddad, Alckmin e França para o litoral, primeiro no Vale do Ribeira e no Vale do Paraíba, e na sequência para o interior. “Acho que temos outra configuração hoje, o PSDB não é imbatível no interior. Aliás, em muitas regiões está perdendo espaço para o Tarcísio. Há uma divisão clara entre eles, não é mais um bloco coeso. E, nesse ponto, o governador do PSDB que teve mais prestígio no interior foi o Alckmin.”

De acordo com a pesquisa Real Time Big Data, divulgada na quarta-feira 3, Haddad figura com 33% das intenções de voto. Tarcísio de Freitas e Rodrigo Garcia aparecem com 20% e 19%, respectivamente. Como a margem de erro é de 3 pontos percentuais, os dois estão tecnicamente empatados. No segundo turno, o petista tem 10 pontos de vantagem sobre o ex-ministro da Infraestrutura e 8 em relação ao governador tucano, que assumiu o comando do estado após Dória se afastar para tentar disputar a Presidência da República. O enrosco é que, em ambos os cenários, o percentual de indecisos é superior a 15%.

No momento, parece estratégico tanto para Haddad quanto para Freitas buscar desgastar a imagem de Garcia. O petista, como mencionado anteriormente, deseja enfrentar o candidato de Bolsonaro no segundo turno. O ex-ministro tem uma razão bem mais óbvia: é o tucano quem ameaça roubar a sua vaga na etapa decisiva. Mas, como nem sempre o óbvio é bem compreendido, Freitas revezeou com Garcia nos ataques a Haddad no primeiro

Tarcísio Freitas disputa com Garcia uma vaga no segundo turno, mas não resistiu ao cacoete de atacar o PT no debate da Band

debate entre os candidatos na tevê, promovido pela Band no domingo 7. “Procure no Google quem foi o pior prefeito de São Paulo”, sugeriu o ex-ministro à plateia. “Procurem também a palavra ‘genocida’”, rebateu o petista.

“O ex-ministro parece não conseguir se livrar do cacoete bolsonarista do antipetismo, insiste nesses ataques mesmo contrariando o interesse momentâneo”, observa o cientista político João Feres Jr., coordenador do Laboratório de Estudos



Estratégia não é o forte do poste de Bolsonaro

da Mídia e da Esfera Pública da Uerj, em recente entrevista ao canal de *CartaCapital* no YouTube. “Repare que ele não discutiu política pública no debate. Limitou-se a atacar o ‘inimigo’ e passou o resto do tempo enumerando obras que sua pasta fez.”

Na avaliação de Vera Chaia, cientista política da PUC de São Paulo, a disputa segue aberta. O esvaziamento do PSDB abre espaço para o bolsonarismo, uma vez que o antipetismo ainda afeta a figura de Haddad, ainda que em menor proporção. “Se o PSDB era muito forte no estado de São Paulo, quando Dória se elegeu prefeito e saiu do cargo para disputar o Palácio dos Bandeirantes, a gente começa a ver o partido se esvaindo, consumido pelas disputas entre seus caciques. Não é mais aquele PSDB do passado, embora ainda tenha forte presença no interior.”

Ainda que o antipetismo continue aceso no interior, o cenário não chega a ser favorável a Freitas. Segundo Chaia, a rejeição a Bolsonaro é alta mesmo entre os eleitores de perfil conservador. Em parte, acrescenta, isso explica o comportamento dubio do candidato do Republicanos: ora está colado em Bolsonaro, ora busca se distanciar da imagem do presidente, de acordo com as circunstâncias.

Na tentativa de atrair os eleitores identificados com pautas da direita, o atual governador quer mostrar serviço, sobretudo na área de segurança pública. Desde que assumiu o governo, a Polícia Militar tem intensificado as ações de repressão na Cracolândia, que sempre atraem os olhares da mídia. O ex-ministro de Bolsonaro, por sua vez, tem intensificado a sua agenda com os evangélicos. E recorre a aliados, como o ex-ministro Marcos Pontes e a deputada federal Carla Zambelli, ambos do PL de Bolsonaro, para estreitar relações com os líderes religiosos. Recentemente, Pontes e Zambelli participaram, na companhia do ex-capitão, de um encontro com pastores da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. •

RENATO PIZZUTTO/BAND